

APRESENTAÇÃO: OUSAR PENSAR O CORPO¹

Como habitamos o corpo que temos/somos/devimos? Como ele se apresenta e como nos representa? Como se torna legível, inteligível? O que é que diz? O que é que pode dizer e o que não pode dizer? De quem diz ou de quê? Como é que eu posso intervir no que diz ou representa o corpo que sou/tenho/deveio? Meu corpo, pertence-me ou, pelo contrário, pertenço-lhe? É uma relação de pertença ou, melhor, de participação? Qual é o poder do corpo? De que jeito se estabelecem as categorias que fazem legível o seu saber? Há um saber do corpo além dos marcos de inteligibilidade que o tornam visível? Enfim: o que é o corpo?

Como qualquer contrário complementar no sistema de binarismos que atravessa o *corpus* do pensamento ocidental, o corpo, oposto ao espírito ou alma, tem cumprido uma função de suplemento, tem operado como o afora constitutivo, sustentador da hegemonia. Daí que aproximarmo-nos do corpo como objeto e sujeito de pensamento, restituirmos-lhe ao território de conhecimento, implique ir contra a corrente de uma prática de apagamento, velado ou menosprezo do saber corporal que cruza a história de Ocidente.

É por isso que a multiplicação de perguntas ao seu redor parece-nos a maneira mais adequada de abrir este convite a escrever os poderes e saberes do corpo que este dossiê quer oferecer. Poderes e saberes do corpo nos dois sentidos que sugere a preposição, sentidos que, ao nosso juízo, o pensamento sobre o corpo torna indistinguíveis: saberes e poderes que pertencem ao corpo e que ultrapassam qualquer intento de fixação; saberes e poderes sobre o corpo, que o atravessam, o configuram ou mesmo o materializam.

Onde é que acabam uns e começam os outros? Se reconhecemos a dívida do corpo com sua representação, mesmo a inexistência de um além ou aquém dos discursos, como pensar esse suposto excesso? E como não cair de novo, se não o fizermos, no menosprezo do seu desafio ao pensamento? Talvez uma res-

1 A coordenação deste dossiê faz parte do trabalho de pesquisa do grupo Corpo e Textualidade, da Universitat Autònoma de Barcelona (2009 SGR651) e inscreve-se nos projetos “Corpografias de la identidad. Estudio cultural del cuerpo como lugar de representación genérico-sexual y étnica del sujeto” (FFI2009-09026) e “¿CORPUS AUCTORIS? Análisis teórico-práctico de los procesos de autorización de la obra artístico-literaria como materialización de la figura autorial” (FFI2012-33379).

posta (mais uma pergunta) esteja na relação entre pensamento e textualidade, que nos lembra com facilidade demais o velho e, desta vez sem dúvidas ultrapassado, binômio conteúdo/forma (e daí, é claro, alma/corpo). Situarmos o corpo no alvo do pensamento – pensar o corpo – tem um efeito bumerangue: também o pensamento acaba se corporizando, isto é – seguindo a série conceitual proposta – também o pensamento se revela textual, material, histórico, precário, localizado; sujeito ao corpo da letra e ao corpo da voz; dependente de uma cena de enunciação e de protocolos de leitura, quer dizer, entre outros aspetos, de um corpo produtor e de um corpo receptor, por sua vez textuais, materiais, históricos, precários, localizados. Situar o corpo na rede binômica que atravessa e constitui boa parte do corpus do pensamento ocidental é, pois, fazer cair a rede na rede ou, melhor, na teia, fazendo-lhe revelar o tear onde se tece, sua natureza de tecido, isto é, de novo, sua natureza textual.

De fato, pensar o corpo implica transitar nessa fronteira na qual o oxímoro (o corpo pensante; o pensamento corporal) torna-se tautologia. De um lado, desde que pomos em cena perguntas como as que dão início a esta apresentação, a ficção do saber objetivo e universal, de um pensamento sem corpo, do olho que vê sem ser visto, torna-se insustentável, fazendo-se evidente, ao mesmo tempo, o vínculo entre saber e poder que já mostrou Foucault. Do mesmo jeito que o saber aparece ligado ao exercício do controle e da disciplina, somente se torna reconhecível como tal nas estruturas de autorização estabelecidas pelo poder, estruturas que o são também de regulação do acesso dos sujeitos aos lugares de produção dos discursos: como assinala, por exemplo, Maria Lugones, só aqueles que se apresentem como sujeitos puros, não sujeitos ao corpo, reunirão as condições para produzirem saberes legítimos.

Associado com a natureza (*versus* a cultura), a intuição (*versus* a razão), a barbárie (*versus* a civilização), o animal (*versus* o humano) ou o feminino (*versus* o masculino), o corpo delimita a fronteira impenetrável do adentro: é o seu contorno, ao mesmo tempo que garante sua pureza inapelável fazendo-se depositário do impuro, daquilo – e daqueles – manchado(s) pelo irracional, o intuitivo, o selvagem, o pulsional, o sexual, o mortal, o contingente, o material, o feminino... Enfim: o conhecimento ergue-se como supostamente neutro e universal, eterno, imperecedouro, enquanto sustém, perpetua e normaliza os privilégios de um lugar de enunciação não marcado, aliás, masculino, branco, heterossexual e ocidental.

De outro lado, nessa perspectiva, fica evidente que a representação de um corpo sem pensamento ou sem discurso é uma ficção produzida pela mesma rede binômica que estamos tentando mapear aqui: a relação do corpo com o excessivo, o irrepresentável ou o não conceitualizável emerge do binômio-matriz natureza/

cultura, que, como bem mostram Diana Fuss ou Judith Butler, é também um construto cultural.

Assim, nem há pensamento descorporizado – embora seja esta uma das ficções-sustento do pensamento ocidental – nem corpo que não seja discursivo. Como dizíamos, talvez seja nesta sequência – pensamento/discurso/texto – em que o trabalho desconstrutivo do corpo apareça com uma força maior, uma força que erode a barra entre os conceitos, fazendo-os quase intercambiáveis. Nem corpo sem *corpus*, nem *corpus* sem corpo. Trata-se, em definitivo, de um trabalho de escrita mútua que inscreve – com um mesmo traço – corpo, pensamento e discurso no âmbito das representações, no lugar da textualidade, espaço de constante reatualização cuja capacidade de significação, e cujas possibilidades de reescrita, jamais são saturadas.

Pensar o corpo, corporizar o pensamento é, pois, fazer malabarismos nestas fronteiras constantemente redesenhadas, em lindes que o próprio movimento do pensamento-escrita sobre o corpo traça, risca e apaga, mesmo quando diz que as rasteja. Nessas vias e desvios situa-se o trabalho que, desde 2003, o grupo de pesquisa Corpo e Textualidade, da Universitat Autònoma de Barcelona, responsável por este dossiê, vem desenvolvendo. Um trabalho que, tendo como objeto/sujeito o corpo, não poderia ser senão in(ter)disciplinar. Daí que nos parecesse tão idôneo o convite da revista *Interfaces* para compartilhar e convocar, além mar, alguns dos saberes e poderes corporais-textuais que, aqui e ali, vimos reinventando: por sua vocação interdisciplinar e sua vontade de se situar além das fronteiras nacionais e linguísticas. Outras fronteiras e distâncias que, mais do que serem salvas, gostaríamos que constituíssem o trampolim de um voo transatlântico cuja trajetória – sempre um pouco imprevisível, brincalhona e desejamos que prazerosa – as reveja, as esfume, as reescreva, as desloque.

Meri Torras e Aina Pérez Fontdevila